



Cotadas nacionais em risco de sair do “radar”

Associação de Emitentes alerta para a perda de visibilidade das cotadas nacionais.

Rui Barroso

rui.barroso@economico.pt

A maior parte das cotadas portuguesas corre o risco de desaparecer do radar dos investidores caso a NYSE Euronext decida adoptar todas as recomendações de um comité estratégico que quer criar uma nova estrutura de mercado, segundo a Associação de Emitentes. O grupo de trabalho nomeado pela NYSE Euronext quer criar uma nova bolsa para as pequenas e médias empresas de Lisboa, Paris, Bruxelas e Amesterdão, a Bolsa dos Empreendedores. Pretende que sejam transferidas as cotadas com uma capitalização bolsista abaixo de mil milhões de euros e criar um índice europeu de PME com 50 cotadas. Na prática, e caso a proposta avance, cerca de 70% das cotadas da Bolsa de Lisboa passam para este novo mercado.

Tendo em conta os valores de mercado actuais, apenas 12 cotadas sobreviveriam na bolsa nacional (ver caixa). O director-executivo da Associação de Empresas Emitentes de Valores Cotados em Mercado, Abel Sequeira Ferreira, disse ao Diário Económico que

AS SOBREVIVENTES

12 cotadas

Tendo em conta os actuais valores de mercado apenas 12 empresas permaneceriam cotadas na bolsa nacional: Galp, Jerónimo Martins, EDP, PT, EDP Renováveis, BES, Portucel, BCP, BPI, Sonae, ESFG, REN, Brisa e Cimpor (estas duas fora do PSI 20).

LIQUIDEZ

3%

Apesar do número elevado de cotadas que podem sair da bolsa nacional, essas empresas são responsáveis por apenas 3% do valor negociado este ano na Euronext Lisbon. Representam 7,5% da capitalização bolsista de todas as cotadas do mercado contínuo.

caso a NYSE Euronext aceda a criar uma nova bolsa de valores, “as empresas que seriam transferidas ficariam com uma visibilidade quase nula”. Além disso, o responsável alerta que “não ficariam empresas suficientes para dar representatividade ao mercado português”.

Isto apesar de o comité estratégico nomeado pela NYSE Euronext ter feito alguns ajustes entre o relatório preliminar e a versão final. Uma dessas alterações é que mesmo que existam cotadas do índice de referência a ser transferidas para a nova bolsa, continuam a fazer parte do ‘benchmark’ nacional, caso do PSI 20. Abel Sequeira Ferreira reconhece que “houve um esforço no texto final para se conseguir uma solução mais consensual”. Outro dos pontos onde o Comité Estratégico cedeu foi na questão da obrigatoriedade da transferência automática das cotadas para a nova bolsa, fazendo depender essa mudança da legislação de cada país. “Fica a ideia de que essa discussão pode ser realizada a nível nacional o que é positivo”, considera Abel Sequeira Ferreira.

Apesar dos reflexos negativos da adopção integral das propostas do grupo de trabalho, o responsável da AEM considera que o relatório até tem alguns pontos positivos, que a NYSE Euronext poderia implementar sem ter de criar a Bolsa dos Empreendedores. “Admito que a Euronext possa chegar à conclusão de que há propostas boas mas sem criar a nova bolsa”. E exemplifica: “Haver uma equipa dedicada às PME, incentivo de investimentos, preparar empresas para entrarem em bolsa e a diminuição de custos e da carga regulatória”, refere.

O comité estratégico espera uma resposta final da NYSE Euronext até ao final do ano e a AEM irá aguardar pela decisão da operadora da bolsa nacional para se pronunciar com mais detalhe e, caso considere necessário, apresentar medidas alternativas. ■



Paulo Alexandre Coelho
O já pequeno mercado português pode vir a ser dividido em dois.

TRÊS PERGUNTAS A...



ABEL SEQUEIRA FERREIRA

Director-geral da Associação de Empresas Emitentes

“Este projecto pode por em causa o mercado nacional”

O director-geral da AEM acredita que a NYSE Euronext pode adoptar algumas das recomendações do comité estratégico sem ter de avançar com a criação da nova bolsa.

A versão final do relatório do Comité Estratégico nomeado

pela NYSE Euronext é mais positiva que a versão preliminar?

Em relação aos principais pontos relativos à versão preliminar nota-se uma preocupação em assegurar a manutenção dos índices nacionais. Mas o texto é muito vago e ainda não se percebeu como se fará a articulação entre empresas que entram para uma nova bolsa e a sua manutenção no PSI 20. Já quanto à questão da transposição automática das empresas para a nova bolsa, aspecto que era ignorado, fica a ideia que essa decisão pode ser discutida a nível nacional, o que é positivo. Mas mesmo assim não se percebem os critérios para a passagem de empresas para a nova bolsa.

A proposta tem pontos positivos?

Há uma divergência de fundo na forma como a proposta foi apresentada. Uma entidade para criar uma nova estrutura de

mercado tem de apresentar as vantagens e a proposta de valor e a obrigatoriedade de transferência das empresas, com algumas excepções, não é o ponto de partida adequado. Admito que a Euronext possa chegar à conclusão que há propostas boas no relatório do comité estratégico e que as possa adoptar sem ter de criar a nova Bolsa.

Quais as consequências da criação da Bolsa dos Empreendedores para o mercado nacional?

Há exemplos negativos em se criar estruturas de mercado que não estão adaptadas à realidade do país, como aconteceu com o Alternext. O projecto da criação de uma nova bolsa pode pôr em causa a estrutura do mercado português. As empresas que iriam para a nova bolsa teriam uma visibilidade quase nula e as que ficariam não seriam em número suficiente para se ter um mercado com representatividade. ■